



FIERGS

INFORME ECONÔMICO

Ano 20 • Número 31 • 06 de agosto de 2018

Indústria gaúcha se recupera, mas reduz o emprego e a intenção de investir

Confiança da indústria estabiliza em patamares muito baixos

Destaques da última semana: Desemprego, COPOM e Produção Industrial

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Indústria gaúcha se recupera, mas reduz o emprego e a intenção de investir

Os resultados da Sondagem Industrial do RS de junho e do segundo trimestre de 2018, pesquisa de opinião empresarial realizada pela FIERGS, mostraram uma significativa expansão da produção em junho depois do colapso provocado em maio pela greve dos caminhoneiros. De positivo, mostrou também a normalização dos estoques e a diminuição da ociosidade. Por outro lado, caíram o emprego e a intenção de investir.

Com exceção do nível médio de Utilização da Capacidade Instalada (UCI) e dos principais problemas, divulgados na forma de percentual, os indicadores variam de zero a cem pontos, tendo os 50 como linha divisória. A distância para mais ou para menos dessa marca define a intensidade dos movimentos da variável em questão.

O indicador de produção ficou em 53,5 pontos em junho, que significa expansão ante maio. Essa foi a primeira alta para o período desde 2010, refletindo a queda abrupta no mês anterior com a greve dos caminhoneiros. O crescimento da produção, contudo, não chegou ao emprego. Pelo contrário, o indicador em junho mostrou uma intensificação no ritmo de queda: foi de 47,0 pontos ante 48,7 em maio. Esses indicadores mostram crescimento mensal quando acima dos 50 pontos e queda quando abaixo.

Os dois indicadores que medem o grau de ociosidade confirmaram o aquecimento da indústria gaúcha no mês. A utilização da capacidade instalada (UCI) em relação à usual passou de 35,7 em maio para 43,7 pontos em junho, ficando mais próximo dos 50, valor que representa a UCI normal para cada período. O nível médio de UCI, no mesmo sentido, aumentou de 63% para 67,0% na mesma comparação.

Outro dado positivo de junho foi a normalização dos estoques de produtos finais. De fato, os estoques caíram além do previsto pelas empresas, eliminando o grande excedente provocado pelos eventos de maio: os índices de evolução e em relação ao planejado foram de 47,5 e 48,3 pontos em junho. Abaixo dos 50 pontos, os índices mostram, respectivamente, queda ante o mês anterior e estoques abaixo do planejado.

A Sondagem Industrial do RS também mostrou a insatisfação dos empresários gaúchos com as condições financeiras das empresas no segundo trimestre de 2018. Com relação à margem de lucro operacional (42,1 pontos), houve um aumento da insatisfação ante o primeiro trimestre, que ficou estável no que se refere à situação financeira (47,5 pontos). Ainda, segundo os empresários gaúchos, o acesso ao crédito (38,8 pontos) ficou ainda mais difícil.

Os três principais problemas apontados pela indústria gaúcha no segundo trimestre de 2018 foram os mesmos do primeiro. O mais importante foi a elevada carga tributária, que recebeu 36,6% das respostas dos

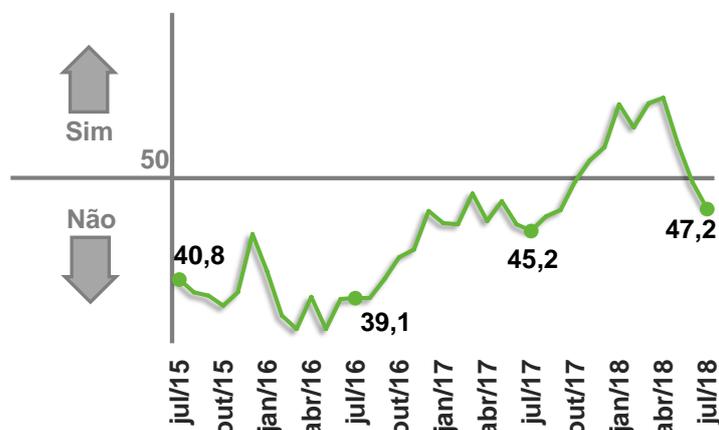
empresários, seguido pela demanda interna insuficiente e pela falta ou alto custo da matéria-prima, ambos 30,3% das assinalações.

Porém, a crise dos caminhoneiros levou os problemas de logística de transporte (estradas, infraestrutura portuária, etc.) do 12º lugar no ranking no primeiro trimestre de 2018 para 4º no segundo, com expressivo crescimento no percentual de assinalações: 10,0% para 26,9%. Da mesma forma, a recente desvalorização do Real determinou um aumento de importância relativa da taxa de câmbio, que de 11,3% das respostas cresceu para 25,6%, subindo do 9º para o 5º posto entre os principais entraves do setor na passagem do primeiro para o segundo trimestre. Vale destacar, por fim, o crescimento relativo da falta ou alto custo de energia, cujo percentual de assinalações mais que dobrou no período, subindo de 5,0% para 12,0%.

Para os próximos seis meses, a indústria gaúcha ficou um pouco mais otimista em julho na comparação com junho. Leituras acima de 50 pontos indicam expansão, abaixo, retração. Nesse sentido, aumentaram os índices de expectativas para a demanda (de 56,4 para 57,2 pontos), para as exportações (56,4 para 57,2 pontos) e para as compras de matérias-primas (de 54,3 para 54,6 pontos). Já o índice para o emprego subiu de 48,1 para 49,2 pontos, ou seja, as projeções dos empresários ficaram menos negativas, mas ainda revelam perspectiva de queda.

Por fim, a intenção de investimentos (compras de máquinas e equipamentos, construção, pesquisa e desenvolvimento, inovação de produto ou processo) para os próximos seis meses caiu pelo terceiro mês seguido, de 49,6 para 47,2 pontos entre junho e julho. O indicador varia de 0 a 100 pontos e quanto mais elevado, maior é a propensão de investir. Quando fica abaixo de 50 pontos, a intenção é minoritária entre as empresas. De fato, em julho, 40,2% das indústrias gaúchas tinham a intenção de investir ante 59,8% que não pretendiam.

Índice de intenção de investir nos próximos seis meses (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Confiança da indústria estabiliza em patamares muito baixos

Depois da queda abrupta registrada no mês anterior, o Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) atingiu 50,7 pontos em julho, uma alta de 0,3 ponto ante junho. O ICEI/RS varia de zero a 100, revelando confiança a partir dos 50 pontos, assim como sua intensidade de acordo com a distância desta marca. Portanto, a confiança da indústria está muito baixa.

A confiança é composta por índices de condições atuais e de expectativas, tanto para a economia brasileira quanto para a própria empresa.

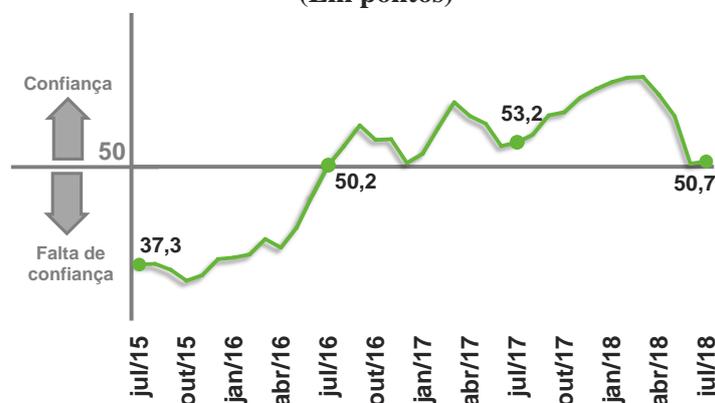
Com a dissipação dos efeitos da crise dos caminhoneiros, a maior contribuição para a alta da confiança em julho veio do Índice de Condições Atuais (ICA), que cresceu 2,3 pontos ante junho, para 45,1, mas continuou abaixo de 50 pontos, que expressa piora. O subcomponente relativo à economia brasileira (ICA-EB) aumentou de 35,1 para 39,6 pontos, enquanto o Índice de Condições Atuais das Empresas (ICA-E) cresceu de 46,8 para 48,0 pontos no período.

Já o Índice de Expectativas (IE) para os próximos seis meses teve a quarta queda consecutiva na passagem de junho para julho, de 54,1 para 53,4 pontos, atingindo o menor patamar desde dezembro de 2016. Apesar disso, o índice seguiu acima de 50 pontos, demonstrando que, embora declinante, o otimismo ainda predomina entre os empresários gaúchos. As expectativas positivas, contudo, estão restritas ao futuro das empresas, embora o índice tenha caído de 58,0 para

57,8 pontos. Por outro lado, o pessimismo com a economia brasileira cresceu no período: o índice passou de 46,6 para 44,9 pontos no período.

Depois do choque em junho, é possível que parte do otimismo perdido seja recuperado nos próximos meses com a dissipação dos efeitos da greve dos caminhoneiros, mas dificilmente voltará aos níveis anteriores. A confiança do industrial já vinha diminuindo com o desempenho econômico menor que o esperado, o descrédito com o ajuste fiscal e a incerteza eleitoral crescente. Tudo isso somado ao cenário externo mais desfavorável e ao aumento de custos decorrente da crise dos transportes devem manter a confiança em patamares baixos, mais um obstáculo à recuperação da indústria gaúcha em 2018.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Destaques da última semana: Desemprego, COPOM e Produção Industrial

DESEMPREGO – A taxa de desemprego do Brasil atingiu 12,4% no segundo trimestre de 2018, conforme os dados da PNAD Contínua, do IBGE, divulgados na última terça-feira (31/07). Houve queda da taxa tanto na comparação com o primeiro trimestre de 2018 (-0,7 p.p.) quanto frente ao mesmo período de 2017 (-0,6 p.p.). O número de desempregados foi estimado em 13 milhões, um recuo de 723 mil pessoas em relação ao trimestre anterior e de 520 mil pessoas no confronto com igual período do ano anterior. Quanto à população ocupada (91,2 milhões: +657 mil contra jan-fev-mar/18; +1 milhão contra abr-mai-jun/17), os aumentos se devem à informalidade: houve crescimento no número de trabalhadores sem carteira assinada (+276 mil; +367 mil) e que trabalham por conta-própria (estável; +555 mil). Por outro lado, o contingente de empregados com carteira assinada segue em patamares historicamente baixos (estável; -497 mil).

COPOM – Na última quarta-feira (01/08), o Comitê de Política Monetária do Banco Central (COPOM) anunciou a manutenção da taxa básica de juros (SELIC) em 6,5% ao ano. Foi a terceira vez consecutiva que o COPOM decide não alterar a SELIC, que segue no menor patamar desde o início do regime de metas para a inflação, adotado pelo Brasil em 1999. Essa decisão já

era esperada pelo mercado. Apesar dos altos números da inflação de maio e junho, as incertezas com relação aos rumos da política monetária diminuíram desde a última reunião. A poeira levantada com a escalada da desvalorização cambial e a concomitante greve dos caminhoneiros parece ter baixado, facilitando a decisão do comitê. As expectativas do FOCUS apontam SELIC estável em 6,5% ao ano até março de 2019.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL – Segundo divulgação do IBGE na quinta-feira (02/08), a quantidade produzida pela Indústria brasileira em junho cresceu 13,1% frente a maio, já descontados os efeitos sazonais, eliminando a queda de 11,0% do mês anterior, quando a paralização dos caminhoneiros impactou fortemente o resultado. Entre os 26 ramos pesquisados, 22 tiveram alta no mês, com destaque para Veículos (+47,1%) e Alimentos (+19,4%). Na comparação com junho de 2017, a produção cresceu 3,5%, após recuar 6,6% no mês anterior. No acumulado dos últimos 12 meses, a elevação foi de 3,2%, um ligeiro ganho de intensidade frente aos 3,0% no acumulado até maio. Portanto, segue a recuperação lenta e gradual do setor, mas agora com expectativas menores para o fechamento do ano. As projeções do FOCUS para 2018, que chegaram a 4,3% em março, hoje encontram-se em 2,9%.